

Unidade na economia deve

JORNAL DE BRASÍLIA 29 AÇO 1986

tirar controle de Sarney

Heitor Tepedino

O presidente José Sarney vem desempenhando as suas funções com grande brilho, voltado realmente para um esforço de atender a área social, mostrando-se um democrata nato. No entanto, ao estabelecer a unidade de pensamento, de vontades e anseios políticos entre os titulares do Planejamento, da Fazenda e do Banco Central, certamente o presidente Sarney acabou de perder o controle sobre o setor econômico, em termos de acompanhamento da execução das medidas, como ocorreu com o presidente Figueiredo, que aceitou a trinca Delfim Netto, Ernane Galvêas e Afonso Pastore, irmãos de sangue e só acatavam a um chefe, que era o ex-ministro Delfim Netto.

Tudo indica que, na ansiedade de acertar e de encerrar com discussões teóricas dentro do governo, o presidente Sarney caiu em um erro administrativo e, em curto espaço de tempo, ficará apenas com as grandes decisões. Podemos tentar nos recordar se ocorreu algum atrito entre Pastore, Delfim e Galvêas, se o ministro do Planejamento discordava da expansão monetária ou se a Fazenda reclamava das verbas liberadas pela Seplan. Era tudo resolvido a três, muitas vezes as decisões não chegando nem mesmo ao conhecimento dos seus assessores.

Sem nenhum demérito para o ministro Sayad, o ministro

Funaro ou o presidente do Banco Central, Fernão Bracher, a verdade é que eles se entendem, com o novo ministro da Fazenda revelando que é colega de primário de Bracher. Como é natural, vão acertar os seus ponteiros, e aí que se precisa saber onde entra o presidente Sarney.

Para o público ficar bem informado e a Nação sair ganhando, os ministros de Estado e os seus assessores devem alertar para certos desvios da política econômica, relativos às suas áreas, porque isto faz parte do processo democrático, em que todos têm direito à opinião, mas, naturalmente, não se desautorizando uma decisão presidencial. No Brasil tivemos esta experiência amarga no governo Figueiredo, quando nossas reservas internacionais ficaram negativas e nem o presidente do Banco Central, nem o ministro da Fazenda reclamaram. Tivemos também aviões carregados de ouro voando para a Suíça, para obter divisas americanas e ninguém reclamou.

O fato, é que tanto Pastore como Galvêas eram fiéis seguidores de Delfim. O presidente Figueiredo era um problema secundário para os amigos de sangue, o que também não pôde ser criticado, mas foi uma lição de que isto é mal para o País, porque fomos à falência sem nenhuma discordância.

Agora o País passa a conviver, novamente, com ministros da Fazenda e do Planejamento afiadíssimos, amigos, que

contam com fidelidade total do presidente do Banco Central. Caso um erre, não será criticado pelo outro, ao contrário, vão abafar qualquer escorregadela. Atitude normal e até louvável entre amigos, mas, ruim para nós, que temos de pagar a conta.

Essas experiências são verificadas até mesmo nos grandes conglomerados financeiros, onde suas experiências seculares ensinam a transferir diretores de áreas, gerentes, sempre num rodízio saudável para a empresa, porque, caso contrário os acionistas controladores temem que esses diretores se tornem os seus patrões.

Desta forma, tudo indica que o presidente Sarney, dentro de um ou dois meses, passará a se afastar gradualmente do dia-a-dia da política econômica, porque a sua presença só é necessária quando surgem divergências, e isto provavelmente não acontecerá. Com isto, indiretamente, o chefe da Nação acabou de passar o bastão da política econômica para terceiros, já que sem divergências a sua participação é dispensável.

Neste contexto, também não podemos exigir que o presidente da República seja perfeito, e é natural que uma vez ou outra entre numa "fria". Só fazemos votos para que não nos apresentem outra conta para pagar, porque a população já está exausta de ter de honrar os avais de governantes que ela não elegeu.